

## PANDEMAIO

**\*Roberto Rodrigues**

Maio talvez seja o mês mais bonito no sudeste brasileiro, e neste ano está particularmente belo. A luminosidade diurna tem sido tão suave que chega a lembrar a Provence francesa, onde os grandes impressionistas tentavam reproduzir em seus quadros o espetáculo extraordinário do beijo do sol em todos os corpos da natureza e os demais.

As plantas exibem tantos tons diferentes de verde que nenhum artista conseguiria captar cada um com as sutilezas específicas. Até a lua cheia da primeira semana do mês foi escandalosa, trazendo outra claridade maravilhosa tão intensa que confundiu a passarada: o João-de-Barro cantou às duas da madrugada.

E flores pintam as paisagens, as da paineira, as diversas primaveras, cipós vermelhos rubi, a rosa da montanha, trepadeiras coloridas, orquídeas pregadas no arvoredor. Tudo compõe um espetáculo único, embalado por um céu azul profundo e limpo.

Em determinadas horas do dia corre uma brisa fresca que traz todos os aromas que a vivência permite distinguir. Até mesmo o da fininha poeira das semanas da seca sem chuva desde meados de abril.

Tudo é uma festa de beleza inebriante... Tudo?

Não, impossível...

Sob esse céu límpido e esse sol radioso, entre as plantas e os passarinhos navegando na brisa outonal, o vírus está à espreita.

Traíçoeiro, violento, imparcial, onipresente, o vírus se manifesta quando menos se espera.

Cínico, diverte-se com o desencontro das medidas tomadas para brecá-lo. Morre de rir da desunião dos poderes e dos poderosos, mas se surpreende com a incapacidade que os governantes têm de trabalharem juntos, articulados, através de uma plataforma única estruturada em torno dos dois objetivos mais do que óbvios a perseguir sem tréguas: a preservação da saúde dos brasileiros e a manutenção dos empregos, salvaguardando as empresas que os garantem. O desencontro de opiniões entre os “especialistas” quanto aos tratamentos a serem seguidos, a completa desinformação sobre quando será o “pico” da pandemia e muito menos a sua duração, tudo encanta o vírus soberbo.

Ele se pretende democrático. Mas não é. Os mais ricos estão reclusos, é verdade, mas em locais confortáveis, ouvindo em seus equipamentos de som suas melodias preferidas, ou assistindo séries inteligentes em seus televisores, e dando ordens virtuais. Os remediados roem as unhas ao assistirem o derretimento de suas empresas, sem querer demitir os fiéis funcionários, mas não tendo outro jeito. Os mais pobres, amontoados em seus barracos nas periferias, sem empregos e sem perspectivas, estão na verdade à espera de alguma salvação mágica que chegue antes da contaminação. Os empregados de governos, os chamados funcionários públicos, como sempre se dividem entre os heróis que trabalham desesperadamente em busca de propostas de soluções definidas por seus superiores, e os que só esperam o contracheque certo no final do mês. E a

imagem desses últimos contamina injustamente a dos primeiros. E o vírus se diverte, a todos assaltando sem contemplação. Fecha ou abre? Libera ou aperta o isolamento? Quem sabe? Quem resolve? Quem tem razão? O que, como, quando?

Em vez de focar na temática dupla da saúde/economia, autoridades cultivam o desentendimento, provavelmente com outro foco. Seria talvez eleitoral?

Funcionários de hospitais, laboratórios, prontos-socorros, ambulatórios e UTIs se imolam para salvar vidas, enquanto “picaretas” do mais baixo nível fazem o vírus explodir de alegria ao roubar os escassos recursos públicos em compras superfaturadas de equipamentos e medicamentos hospitalares.

Há uma perplexidade “ampla, geral e irrestrita”.

E os produtores rurais?

Ah, esses seguem seu determinismo. Estamos em maio? Beleza! Tempo de colher café, laranja, cana, frutas, terminar as colheitas do verão e avançar no ciclo da safra de inverno de grãos, manter o suprimento de hortifruti, de leite e derivados, cuidar dos rebanhos e levar aos frigoríficos os animais saudáveis, gado bovino, suínos, aves. E transportar tudo para as indústrias de alimentos, ou os produtos in natura para os supermercados, armazéns e distribuidores domésticos. Sem parar. Não dá para pensar no vírus, que fica possesso: há que ir em frente, assim manda a natureza, cada ação no seu tempo. Há que garantir a segurança alimentar para todos, pobres e ricos, empresários e trabalhadores públicos e privados, garantir a vida, contra o vírus. É sim uma guerra. Contra o vírus, contra a safadeza dos corruptos, contra a desunião dos poderosos, contra o desemprego e a falência, contra a morte.

Os produtores rurais estão confiantes que no fim da guerra receberão a gratidão e o reconhecimento de todos que foram alimentados.

E todo mundo, na solidão do confinamento, alimenta outra coisa, a ilusão de que no fim tudo dará certo. E, quando o vírus for finalmente vencido, aqueles que sobram, lambendo as próprias feridas e chorando seus mortos, não se lembrarão da formosura deste deslumbrante maio.

**\* Roberto Rodrigues - Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**